



**Entrevista coletiva concedida pelo Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, após almoço em homenagem à chanceler da Alemanha, Angela Merkel**

**Palácio Itamaraty, 14 de maio de 2008**

**Jornalista:** (inaudível)

**Presidente:** É uma coisa hilariante. Vocês estão me acompanhando o dia inteiro, estão vendo que estou com a chanceler Angela Merkel e que, portanto, não tive tempo de conversar com ninguém.

Certamente, eu pedi para alguém conversar com alguém. E vou, agora, para o meu gabinete, vou ligar para o companheiro Minc, porque ele foi o companheiro para quem eu pedi para que uma pessoa amiga conversasse, porque ele estava num avião na hora que eu tomei a decisão. Portanto, eu vou agora lá para o meu gabinete ligar para ele, na expectativa de que ele venha a contribuir com o seu conhecimento, para dar seqüência às políticas que nós estamos implementando já há algum tempo.

Mas eu acho que é uma coisa tranqüila. Todos vocês sabem perfeitamente bem, a notícia da saída da Marina, para mim, é a mesma coisa da notícia que eu e Marisa recebemos, um dia de manhã, tomando café, e o meu filho comunicou para a gente: “Olha, eu vou sair de casa”. E foi morar com a namorada. O que você vai fazer? Você fala: “Vai”.

A Marina, todo mundo sabe do carinho que tenho por ela, mas se ela chegou à conclusão de que tem um novo ciclo na vida dela e que ela quer mudar, não sou eu que vou impedir, acho que a gente compreende as necessidades da pessoa.

Eu acho que o Ministério é um Ministério sempre muito tensionado, em qualquer governo, em qualquer época. A Marina é uma menina que goza de



uma imagem interna e externa, dentro do governo e fora do governo, como poucas vezes alguém teve. Mas eu sou obrigado a fazer o quê? A desejar à Marina, agora, toda a sorte do mundo, que ela consiga obter o sucesso no que ela (inaudível). O mesmo que eu disse para o meu filho: “Meu filho, você vai sair de casa, tenha toda a sorte do mundo”. É o que eu quero dizer para a Marina.

Obviamente que a política não muda, porque a política não é política de ministro, a política é de Estado. A própria Marina pediu para a gente criar a “transversalidade” no governo, o que significa: todas as decisões envolvem um conjunto de ministros que estão ligados àquela esfera de problema. E quando nós tomamos a decisão é para todo mundo cumprir a decisão.

**Jornalista:** (inaudível)

**Jornalista:** Presidente, não é um ministério enfraquecido, o Ministério do Meio Ambiente?

**Presidente:** Comigo não. Você sabe que a carta da Marina é uma carta, eu diria, muito delicada, uma carta muito companheira. E você sabe que um Presidente da República não tem divergência com ministros. Não existe possibilidade de ter divergência entre o Presidente e os ministros.

**Jornalista:** Mas esses últimos embates, em que a ministra Marina teoricamente perdeu, não (inaudível)?

**Presidente:** Não teve embate. Acabamos de fazer uma mudança no Ministério do Meio Ambiente, proposta pela companheira Marina. Criamos o Instituto Chico Mendes, fizemos as contratações que o Ibama precisava fazer, na época. Agora, obviamente que sempre terá divergências. Você tem divergência



entre o Ministério de Minas e Energia, o Ministério da Agricultura, o MDA, com o Ministério do Meio Ambiente; você tem divergência entre o Ministério da Educação e, muitas vezes, o Ministério da Ciência e Tecnologia. Por isso que nós criamos essa coisa da “transversalidade”: não tem mais proposta de ministro, de ministro fazer uma proposta e aquilo passa. Não. A proposta é do governo federal, portanto, ela tem que ser assumida por todo o governo. Vocês participam de todos os atos que eu faço no Palácio do Planalto.

Agora, a companheira Marina, eu acho que ela vai (inaudível).

**Jornalista:** O senhor conversou com ela ou só foi por meio da carta?

**Presidente:** Eu não conversei com ela. Eu recebi a carta ontem. Ontem eu saí daqui quase 11 horas da noite, dez e pouco da noite, ou seja, perdi até o jogo do Corinthians, que ganhou do São Caetano. Pretendo conversar com a Marina hoje. Eu tenho agora alguns compromissos, mas (inaudível).

**Jornalista:** Mas o senhor fica magoado?

**Presidente:** Não, eu não fico magoado. Não tem mágoa. Para mim, o que tem é o sentimento de alguém que perdeu uma pessoa de quem gostava muito e que foi exercer outra atividade. A comparação mais singela que eu resolvi dar é a do meu filho. É como se alguém falasse: “Olha, tchau, estou indo viajar, estou de férias, vou passar três anos fora”.

**Jornalista:** (inaudível) (confusão com o PT)

**Presidente:** Não tem confusão nenhuma.

**Jornalista:** Presidente, eu não entendi uma coisa: no caso do Jorge Viana, o



senhor conversou com ele, ele recusou, e agora o senhor vai conversar com o Minc?

**Presidente:** Não, não conversei com o Jorge Viana. O Jorge Viana veio aqui para outro assunto.

**Jornalista:** Mas ele recebeu o convite?

**Presidente:** Não, porque o Jorge Viana, antecipadamente, tinha me dito que o projeto que ele tem (inaudível) e nós estamos discutindo a possibilidade de conseguirmos aviões (inaudível). Ele, sim, não pode largar isso.

**Jornalista:** Então ele não é (inaudível)?

**Presidente:** Não.

(\$31EGJLMP)